

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR

Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPRESA

Officina de composição, R. Direita  
—Impressão na Tip. Nacional,  
R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua  
Direita, n.º 54

## A guerra

E' já nado o sol potente da Liberdade!  
O calor benéfico dos seus raios de luz, aquecem e dão vida a tantos milhares de almas, que a barba esmagava, mas ás quaes nunca pôde extinguir a chama sagrada da Esperança, nem a scentelha imortal do amor da Patria.

Libertam-se a Servia, a Belgica, Montenegro, Romenia, Hungria, Polonia, Trieste, Alsacia-Lorena; sacode os traidores a Russia; a França expulsa do terreno bendito da Patria de Victor Hugo, os últimos hulanos e os derradeiros stossruppen, a féra é enfim levada á ponta de baioneta para o seu covil!

Cãem a Bulgaria, a Turquia, a Austria —entregam-se todas de pés e mãos—sem condições.

Resta a Alemanha do Kaiser estrebuchando, debatendo-se nas vascas da agonia a mais pesada, a mais afrontosa!

Os aliados seguram-lhe já a cabeça!

O corpo e a cauda debatem-se ainda—mas quanto mais violento fór o estertor mais depressa virá a morte!

Bendito seja o sol da Liberdade, resplandecente, faiscante, divino!

## E' assinado o armistício

**BORDEUS, 7—**  
**A's 5 horas da tarde**  
**de hoje foi assinado**  
**o armistício entre os**  
**representantes da**  
**Alemanha e o general**  
**Foch.**

## Segunda vez

Está atravessando um segundo periodo de incubação; uma das mais fulgurantes figuras do democratismo: o antigo ministro Barbosa de Magalhães.

Como se vê, o grande estudista em menos de um ano tem sido forçado a dois periodos de incubação, sem que, contudo, o seu desmedido affecto ao partido e a sua dedicação á Patria, tenham com isso sofrido a menor quebra, o menor decaimento...

Republicano de antes quebrar que torcer, nada o desvia da sua linha de conducta em prol do Ideal que sempre o animou desde o tempo de Carréas...

Inalterável no caminho traçado, se as coisas se embrulham, o illustre homem publico sempre, por prudencia e ás vezes por doença, não julga oportuna a sua aparição em qualque sitio onde possam cantar aquela cousa, que... não levam escrito!

Se é preciso todo periodo, ainda que largo, de incubação, s. ex.ª aceita-o com aquella abnegação e sacrificio que são a verdadeira aurorela!

Em 5 de dezembro do ano findo, incubou-se o tempo necessario que a prudencia aconselha, e agora, por prudencia tambem, ainda que alheado completamente, qualquer dessas loucas tentativas torna novamente a incubar-se. Deus sabe até quando. Sim; até quando surgirá a luz da liberdade e refulgente como num dia de chover...

## A EPIDEMIA

### A Delegação de Saúde não toma providencia alguma em proveito público

No nosso numero anterior referimo-nos ao absoluto abandono a que por parte da Delegação de Saúde, tem sido votada a adopção da mais insignificante medida de sanidade em proveito público.

Quando por toda a parte nos refere a imprensa o emprego de tantas medidas tendentes a combater a propagação do flagelo que dia a dia vai dizimando a população, levando o luto a tanto lar e a Morte a tanta gente, o sr. delegado de saúde limitou as suas medidas, que se conheçam, a pedir a mobilisação para aqui de dois medicos.

De resto mais nada. A' necessidade imperiosa e indicada da lavagem e desinfecção de ruas, de montureiras e de tantos focos de infecção que por aí abundam, respondeu a propria Natureza que nos beneficiou com uma chuva prolongada e abundante, resultando uma lavagem e desinfecção publica que se impunha por todos os motivos.

Contudo continúa a não fazer-se uma desinfecção nas casas onde falecem atacados, antes consentindo-se que os cadaveres estejam longas horas e até dum dia para o outro, depositados nas habitações.

Os mictorios publicos estão no mais repugnante estado representando apenas além duma vergonha e dum perigo o mais inconfundível testemunho a que está votada a hygiene publica.

Com os escoadões entupidos o liquido acumula-se pôre é nauseabundo, escoando-se para fóra do recinto transformando tudo num lago de infecta porcaria, que todavia temos de calcar para satisfação de imperiosas necessidades.

A variola alastra, continuando a aparecer novos casos nomeadamente no largo dos Santos Martires, onde abundam familias pobres e miseraveis.

Em Vilar a variola ataca até adultos, tendo ainda ali ido antontem um notario fazer o testamento a uns atacados.

Que providencias em presenca de tão grave situação adoptou a Delegação de Saúde?

Ora francamente isto não pôde ser, não pôde continuar.

Repetimos mais uma vez, que nos não anima outro sentimento mais do que aquele que neste momento a todos acomete: a applicação de immediatas providencias tendentes a combater as duas epidemias—qual delas a pior—que nesta hora pungente e dolorosa, nos ameaçam, fazendo victimas!

E' indispensavel que se olhe sem demora para o que se está passando afim de serem applicadas as medidas que a experiencia e a sciencia aconselham.

Assim não pôde ser, repetimos.

## Governador Civil

Inesperadamente demittido do cargo de governador civil deste distrito, o sr. coronel Custodio Alberto de Oliveira, lugar que exerceu sem attrictos, vemos que foi nomeado para o substituir o sr. dr. José da Costa Pinheiro, que nos dizem ser natural do Minho e ha pouco formado ainda.

O Democrata, vende-se em Lisboa na Tabacaria Monaca, ao Rocio.

## Ainda os acontecimentos

Pelas constantes declarações de varios presos reconhecidos como dirigentes da ultima tentativa de perturbação da ordem publica, as autoridades estão completamente senhoras de todo o plano, assim como dos individuos nele implicados.

Desta maneira é de crer que se possa pedir as responsabilidades a quem as tiver e antes assim, para que não paguem inocentes, culpas que não teem.

Admiramos que homens considerados, incapazes dessa delação, sempre repugnante, em qualquer circumstancia, a tenham tido com a mais decidida facilidade.

Em Coimbra, interrogado o preso Floro Henriques, fez declarações sensacionais que habilitou a policia a saber onde estava armamento, bombas e quem eram os conspiradores autenticos em Soure, na totalidade de 25, os quaes foram armados e equipados para tomar a estação de Alfaiates, tendo confessado que foram para ali por ordem do sr. dr. Evaristo de Carvalho, que desapareceu.

As armas apreendidas encontravam-se em casa do sr. Luiz Estevam de Oliveira, contador da comarca, sendo varias carabinas Manlicher da marinha e grande quantidade de munições.

A imprensa diaria lisbonense, no dia 28 do mez findo, dá conta do seguinte que é, sem duvida, uma nota tipica da furia desses energumenos, que a todo o custo procuram o sangue dos seus irmãos:

Ontem de tarde a policia da 2.ª secção de investigação, sob a direcção do chefe sr. Manuel de Jesus Sequeira, teve conhecimento de que em uma casa abarracada em certa rua de Alcantara se fabricavam bombas por conta dum complot organizado contra o governo.

Em vista disto foram por ordem superior encarregados de investigar o caso o agente Sousa e mais dois dos

seus colégas, os quaes se dirigiram para o local e prenderam em flagrante dois dos fabricantes, que já tinham um caixa de bombas carregadas, as quaes foram apreendidas.

Sendo depois passada uma minuciosa busca á casa, tambem foram encontrados e apreendidos alguns foguetões e punhaes, sendo conduzido tudo numa carroça para o governo civil.

Os presos tambem foram conduzidos para o governo civil, e sendo ali interrogados pelo referido agente, declararam o nome dos individuos que mandavam fabricar as bombas e que se destinavam a atentados possiveis.

Durante a noite foram presos mais dois individuos implicados no fabrico das bombas, que recolheram incommunicaveis a diferentes esquadras policiaes.

As bombas apreendidas pesam cada uma 2 quilos e meio e são de espoleta.

A esta cidade, livres de toda a responsabilidade, chegaram já os srs. Virgilio Arnanho Duarte Silva, Francisco Pereira de Melo, José Rodrigues Jeronimo, Mariano Ludgero Maria da Silva e João Augusto da Silva Rosa, que a morte impiedosa, só deixou por bem poucas horas, após a sua chegada, gosar o conforto do seu lar.

O amanuense do governo civil Francisco da Encarnação, aqui preso, como dissimos, foi removido para o Porto, onde á hora que escrevemos ainda se encontra detido, esperando o interrogatorio a que deverá ser sujeito, a fim de provar a sua innocencia.

A cidade continúa sendo rigorosamente patrulhada por forças de cavalaria e infantaria, mantendo-se o mais completo sossego e acatamento pelas determinações em vigor.

O coronel sr. D. João de Almeida foi quem assumiu a chefia do distrito apenas se publicou o decreto suspendendo as garantias, achando-se ainda á frente dele a transmitir as ordens que julga necessarias para não ser alterada a ordem publica.

## UMA A... PRETA

E é bem marcada, sim senhor.

Um aveirense, que conhece de gingeira a gente da Vera-Cruz, ao passar a vista por o orgão da familia, após a prisão do director do instrumento, e ainda depois da morte do mesmo para a vida politica, recita a quadra do conhecido canto popular:

Oh veludo, oh veludo,

Oh veludo amarelo,

Por causa de ti veludo

Já su não digo o que quero...

De facto: maciosinho com um veludo...

A's vezes, perdamo-nos a procurar a razão porque o fundo das costas tem tanta influencia nos actos de certa gente...

## Parlamento

O Tempo, que pelas suas afinidades politicas com o atual governo devemos-lo considerar bem informado diz o seguinte a respeito do parlamento:

As atuais câmaras não têm de ser eternas. E' mesmo bem possivel e natural que razões de ordem superior levem á sua dissolução e, portanto, á convocação de novas eleições.

Parece que muito concorredá para tal deliberação a attitudo do grupo monarchico a dentro da representação nacional.

## O ensino Commercial em Portugal

Com este titulo acabamos de receber um folheto de 52 paginas, cujo trabalho do eminente professor o sr. Humberto Baça, que assim continúa afirmando não só as suas extraordinarias facultades de trabalho mas ainda os seus incontestaveis conhecimentos sobre a sua especialidade, tantas vezes affirmada da forma mais brilhante: o ensino commercial!

A obra a que nos referimos é um confronto proficazmente feito, entre as disposições das leis de ensino commercial, a sua execução e as deficiencias notadas e observadas com o proprio testemunho do distinto autor do magifico trabalho, seguindo-se as conclusões que de tal estudo resultam ao espirito esclarecido do sr. Humberto Baça.

Com indiscutivel conhecimento e assente em bases seguras, o folheto põe claramente a transaccidente questào onde deve ser posta, referindo as modificações e alterações a que deve ser submetido, sem demora, todo o processo de ensino Commercial adoptado desde a Faculdade ao ensino elemental!

Oxalá todas essas judiciosas considerações e valiosas observações sejam tomadas na devida conta por quem do direito.

O trabalho do sr. Baça, merece sem duvida uma larga apreciação, que as pequenas dimensões deste jornal não comportam. Sabemos porém que outra imprensa o tem feito, com o que muito nos congratilamos.

Agradecemos o exemplar recebido.

## Dentista CANDIDO DIAS SOARES AVEIRO

Instalou o seu consultorio na Rua Coimbra (antiga Costeira) n.º 11, onde continúa ao dispor dos snos amigos e clientes.

## O preço da carne

### Um desafio á população da cidade

A demora havida na publicação de este jornal, resultou não podermos ter já referido o terceiro aumento que em cêrca de 15 dias sofreu o preço da carne de vaca.

Os doze centavos lançados a mais e a que aludimos, foram agravados com mais seis centavos, o que prefaz um aumento de 18 centavos em cada quilo de carne!

Isto seria simplesmente fantastico se não significasse uma provocação clara e manifesta a quantos, como nós, tem protestado contra tão desforçada ganancia, implicando tambem uma deshumanidade sem nome por parte daqueles que á custa das necessidades e da miseria publica estão quintuplicando os seus avultados haveres.

Isto não pôde continuar, nem, a quem de direito, pôde cruzar os braços nesta conjuntura. A população da cidade não pôde estar sujeita a este verdadeiro assalto á sua bolsa, já exausta e roubada por todos os processos e feitiços.

Temos instado para que se faça um inquérito que resulte conhecer-se, com verdade, o preço do gado.

E' claro que não podem ser ouvidos os fornecedores dos negociantes de carne, pois esses entendem-se e muito bem.

Torçamos a afirmar perentoriamente que o preço do gado não exige a elevação extraordinaria do preço da carne ultimamente feita. E' uma autentica extorsão que se está praticando e a que é preciso pôr cõbro, ou então procurará o povo expoliado fazer-lo desda que não appareça algum a obrigar a entrar na ordem os deusmanos, que sem o mais leve sentimento de homens, só pensam locupletar-se á custa da miseria e das necessidades publicas. E' certo que veio a tabela de preços estipulados pela autoridade militar.

Essa tabela, porém—se chegar a ser cumprida—só nos traz um beneficio: evitar a elevação do preço, que, sabemos, procuravam os interessados; nos poucos, elevar até 10 toaões, preço futuro de cada quilo de carne!

Tambem pouco faltava e por isso mesmo estranhámos que a tabela em questão, não diminuísse, como é de toda a justiça, o actual e elevado custo da carne.

Outros gêneros, como ovos, etc., ficaram excessivamente caros e além de isso estabeleceu-se uma tolerancia na applicação dessa tabela, que não comprehendemos, especialmente porque essa transigencia é a primeira capitulação por parte da autoridade.

E' dizemos assim, porque se tal haveria de fazer-se, esperamos-se então pelo maximo da data agora concedida e entrasse decididamente em vigor a referida tabela.

Sabemos que os negociantes de carne alegraram com razão para essa espera, terem comprado gado caro e em proporção para a sua venda correspondendo ao actual preço da carne!

Mas o que eles não disseram foi que muito outro comprado para ser vendido por um relativo preço, tal preço foi depois elevado e o lucro triplicado.

Resumindo: não concordamos com as transigencias havidas que não já tomadas á conta duma capitulação ou abandono por parte da autoridade no cumprimento das determinações por ella mesmo tomadas.

Sobre a elevação do preço da carne e restabelecimento da exportação de peixe, recebemos as duas cartas que abaixo publicamos e que muito agradecemos, pois só servem de reforço em abono da verdade e da justiça com que aqui temos tratado deste momentoso assunto.

Seguem as cartas:

5-11-1918.

...Sr. Redactor:

Volto a aplaudir a sua attitudo perante a provocação feita á população desta cidade, respondendo os negociantes de carne ás razões apresentadas contra o aumento do preço, com nova elevação, num acinte improprio e grosseiro contra o povo que ha tanto vem enchendo as algibeiras dessa gente com os lucros abundantes feitos e que aí estão patentes aos olhos do publico.

Como todos nós sabemos, o negocio da carne está exclusivamente na mão de dois-homens, que possuem hoje grandes fortunas adquiridas no unico negocio que fazem: a venda de carne.

Pois apesar disso, da situação horrivelmente desgraçada que atravessamos, da peste que nos dizima e de toda a atormentada hora que nos esmaga, esses homens numa refrigerião sem igual, só pensam, não em minorar as dificuldades e tornarem mais

tem enriquecido, mas em sugar-lhe ainda qualquer resto de energia, levando-lhe desumanamente um preço exorbitante, por quanto já tanto e tanto lucro lhe tem deixado.

Quer V. um exemplo? Ora ouça este caso que é rigorosamente verídico: ha anos um dos dois negociantes de carne receberam de um omigo para entregar no Porto a quantia de quatro contos, que roubada ou perdida, desapareceu.

Teve o portador de o repór do seu bolsco. Pois, sr. Redactor, em muito menos dum ano, essa importancia foi excedida pelos lucros do negocio!

Olhe que é inauspeita a proveniencia da noticia: foi o proprio que a mim m'o disse.

E é com um negocio de tanto proveito que, bastaria ele ser reduzido para que desaparecesse a ganancia insaciavel da qual resultaria um beneficio geral.

Agora vem a tabela da autoridade militar Permita-me V. que denuncie já a minha descrença na sua applicação e comitantemente nos seus efeitos.

Estamos fartos de tabelas. O que precisamos é acção, acção energica, immediata, em nome da salvação publica.

De V., etc.,

Um explorado

Sr. Redactor:

No ultimo numero do seu jornal vem publicada uma carta, muito curiosa até, onde o seu autor trata do aumento de preço da carne de vaca e ao mesmo tempo da eterna questão do peixe.

Na verdade o publico nada lucrara com a revogação da postura camarária. Absolutamente nada. Não embarateceu o peixe nem este affluir ao mercado em maior quantidade. E é para lamentar que a Commissão Municipal tivesse annullado essa postura, que proibia a exportação do peixe, tanto mais que não havia, nem ha, nenhum motivo forte e razoavel a exigir essa annullação. Foi um erro. Mas um erro que beneficiou somente os açambarcadores.

Dizia-se, por exemplo, que o peixe não vinha ao mercado porque o peccador o levava de preferencia aos mercados de Estarreja e Ilhavo. Eterna cantata! O peixe faltava no mercado porque os açambarcadores continuavam o seu negocio de contrabando. Tinham local marcado, hora determinada, e nesse local e a hora determinada lá apareciam todos, pescador e açambarcador, a negociar o peixe por todo o preço. Como havia, pois, de affluir o peixe ao mercado se o açambarcador o não deixava vir?

Mas agora, agora que é permitida a saída do peixe e portanto desapareceu o motivo invocado para a revogação da postura, não consta que ele houvesse embaratecido nem que appareça no mercado em quantidade superior á de então.

Protestai, e protestei vivamente, mas os meus protestos não lograram ser ouvidos e escutados por os membros da Commissão Municipal.

A proposta da revogação foi aprovada e eu, naturalmente, tinha o caminho indicado—demitir-me.

Talvez houvesse quem ignorasse os motivos que me obrigaram a pedir a minha demissão. Ficam inteirados.

Nunca, mas nunca me conformei com os processos empregados para atenuar a miseria publica. Eu vejo, como toda a gente vê, que a miseria é enorme, aterradora, que as difficuldades da vida são grandes, horrorosas, e que competia aos homens incumbidos de determinadas funções exercer a sua actividade, a sua boa vontade, a sua intelligencia em proveito dos pobres desgraçados que lutam pela existencia da familia. Eu vejo, como toda a gente vê, que ha casas sem luz, sem ar e sem pão. Sabe-se que a miseria reina triunfante em muito lar. Que ha creaturas da mesma raça e do mesmo sangue, com fome. E tudo isto, sr. Redactor, é triste, muito triste!

As entidades competentes não tem sabido suavisar a miseria. E quando as circunstancias proporcionavam occasião de zelar os interesses do publico vê-se, com grande mágoa, que esses interesses são desprezados em beneficio dum limitadissimo grupo de individuos que vão continuando a obter lueros fabulosos.

Aproveito a occasião para lhe dizer tambem que aplaudo vivamente as considerações inseridas no numero passado do Democrata e que dizem respeito á epidemia. Efectivamente aqui, entre nós, nada se tem feito no sentido de evitar que o flagelo alastre, como tem alastrado.

Que medidas adotou o sr. Delegado de Saúde? Mandou, por ventura, pôr em pratica o que os jornaes nos dizem diariamente ser feito em quasi todas as terras do país? Não. S. ex. nada fez até este momento.

Não tenho a menor má vontade contra S. ex. Nenhuma. Mas isso não impede que diga tudo quanto sinto e é razoavel dizer-se neste momento angustioso que atravessamos.

Em Aveiro, posso dizer-lo sem receio de ser desmentido, as autoridades sanitarias não tomaram as providencias necessarias e que tanto eram para desejar. Não se lavam as ruas, não são desinfectadas, as casas de habitação continuam na mesma, os doentes não são isolados, os miseraveis não são socorridos com medicamentos e outras coisas indispensaveis aos atacados.

Um horror!

De v. etc.,

Aveiro, 5—11—918.

Antonio C. Rocha

Um episodio

A noite decorrera entre peza-delos e pavores! As prisões da vespera; toda aquella atmosfera negra e fria, erigida de baionetas, espadas flamejantes, canos escuros de espingardas; o ar misterioso com que se trocavam palavras rapidas, tudo impressionara de uma maneira profunda o espirito do grandecissimo democratico.

De manhã, o sol irrompia faiscante já pelas frinchas das janelas quando o nosso heroe se argueu, todavia, preso, subjugado por uma ideia terrivel, persistente, aterradora. Teria de ser preso naquele dia!

Sairia de casa resolvido a tudo. Mas á cautela... não desceu á rua sem relancear a vista para ambos os lados...

Ninguém! Seguiu. Em casa do correlligionario, homem politico, politico republicano e republicano democratico, tambem, abriu se, sem rodeios, indo logo ao fim.

— Venho dizer-te que serei hoje preso!

Um raio que caísse ali, entre os dois, não produziria maior efeito!

— Preso? Ora essa! Mas preso porquê?

É um leve tremor principiou de invadir o sistema nervoso do notavel jornalista e republicano democratico!...

— É um palpito que me não falha! Verás. Além disso as nossas situações de destaque dentro do partido, gráo de parentesco com o antigo ministro e illustre homem publico, tudo me indica que não escaparemos. E prepara-te que tambem partilharás de igual sorte!

Nesta altura, o jornalista batia os queixos, subjugado por uma manifesta convulsão, acompanhada de formidaveis rugidos abdominaes...

Discutiui se acaloradamente, apresentaram-se muitas hipoteses, fizeram-se milhares de considerações.

O dia decorrera, porém, sem novidade de maior, não se evitando, contudo, que a qualquer ruído no portal da casa, se erguessem as cabeças dos circunstantes e se aparassem os timpanos, no desejo de antecipadamente conhecer de que se tratava.

Veio a noite. A noite tragica, escura e misteriosa.

Soaram lugubremente as dez badaladas, não na torre da catedral, mas na torre da cadeia. Dez na torre da cadeia. Esta palavra arripou as carnes e os cabelos de aquele a quem a terrivel ideia aparovava.

De subito—truz-truz—no portal da entrada. Agora não haviam duvidas! Eram eles, os algozes! Espalha-se o terror e estabelece-se uma confusão que se não explica! A vitima, de cabelos no ar, palida, ofegante, de olhos envesgados, num esgare macabro e de respiração suspensa, espera.

Uma voz mascula, acompanhada de tinir de espada e passos pesados pergunta:

— O dono da casa está?

E sem esperar respostas, encetou-se a subida.

A pessoa interrogada fez um esforço sobrehumano, como se estivesse a forçar a passagem dum marmelo crú pelas guelias abaixo, e, com voz apagada, desfalecida, a extinguir-se, responde:

— Não está.

A este tempo a vitima procurada saía pela porta trazeira do edificio, verdadeiramente desvairada, presa apenas ao instinto de fugir, sumir-se, desaparecer, não para sempre, bem entendido, mas ao menos durante aquela hora apertada.

Cá fóra o ar fresco, batendo-lhe na cabeça descoberta, reanimou-o um pouco, serenou e numa resolução digna de figurar na historia, decidiu apresentar-se.

Por fim teve logar uma busca fazendo a vitima extraordinarios esforços para poder trazer qualquer coisa a que se recusavam a lingua, a ideia, os nervos.

Entre um silencio sepulcral, foi aberta a primeira gaveta de uma

escrevaninha de pau santo, obra de talha riquissima, crustações varias de prata e madre-perola.

— Riquissimo traste—exclamou um circunstante, fitando o dono da casa.

E de novo se estabeleceu um silencio mais que profundo...

Da gaveta, com uma morosidade irritante, são tirados: uma estampa da Senhora das Dóres, de Verdemilho; outra do Senhor dos Passos, do Carmo; o setimo volume das obras de Bocage; a letra do Fado 31; um par de luvas pretas, de pelica, com a indicação de servirem só para as procissões dos Passos e do Enterro; uma boqui-lha partida; diversas receitas culinarias; uma coleção de retratos da extinta familia real; outra contendo as fotografias dos falecidos José Luciano, Hintze Ribeiro, Teixeira de Sousa, Dias Ferreira, Vaz Preto, Barjona de Freitas, Maria-no-de-Carvalho, etc.; um exemplar do Almanaque das Petas correspondente ao ano de 1882; um retrato do sr. Afonso Costa; diferentes menus impressos com datas varias e um folheto elucidativo sobre processos de batofa e papelada sem importancia.

Concluido o serviço, os visitantes apresentaram as suas despedidas e no espirito dos de casa deram-se o claro benéfico de que nada havia a recear.

Então o dono da mesma, amavel e sempre gentil, liberto do pezado esmagador que o atrofiara, mandara vir uns calices e um pouco de licôr de... ginja—uma especialidade—resto dumas garrafas servidas durante a estada naquele mesmo edificio do dr. Afonso Costa...

Sim; quando S. ex. ali estivera por occasião do Congresso de Aveiro. A casa—acrescentou—nota v. ex.ª, não é minha; eu habito o rez do chão por deferencia de meu sobrinho, o José Maria, o antigo ministro... De resto, não tenho politica, sou absolutamente indifferente a paixões desse género—pódem crêr. As minhas relações de parentesco com figuras predominantes da politica pódem fazer supôr, sim, mas eu, completamente alheio, e a prova tiveram v. ex.ª—nada, nada de compromisso porque não ha, não existe, não tenho paixões partidarias, nem politicas, nada, nada.

E principiou a despedida. Saíram. Os que ficaram entreolharam-se, sorrindo.

— Vê como t'enganou o teu palpito, pateta...

Nisto novas pancadas á porta.

Então, cheio de coragem, foi o proprio que a foi abrir. Deu da cara com uns individuos que lhe disseram:—Era mesmo v. s.ª que procuravamos. Tenha paciencia e acompanhe-nos por ordem superior.

Era a policia.

Alarmadas as outras pessoas e como os captores já não consentissem que voltasse ao interior da casa, deram-lhe qualquer coisa para se cobrir e... pôz-se em marcha o triste préstito!

Ao chegar ao Calvario, o preso sentiu a cabeça num vulcão.

Consumatum est! Disse-lhe alguém.

Era o director do Museu que acudia, solícito, a alliviar a sorte do condemnado, a quem afinal lhe não tinha mentido e seu palpito. E não poderia deixar de ser se ele é afinal um predestinado!

“A CONCORDIA,”

É este o titulo escolhido para um novo jornal, que virá substituir O Patriota, e como este inspirado tambem pelo sr. Joaquim Peixinho.

Como se vê o illustre bacharel tem dado para o batismo dos papéis, que enfileiram junto dos outros papéis que o referido patriota tem feito e continuará, se Deus lhe der vida e saúde e nós o possamos vêr, para nossa edificação.

O Patriota, affectado pelos efeitos do entorse do seu director espirital, expirou com uma barrigada de explicações de que virá a morrer A Concordia!

Quem sabe? Altos designios de Deus...

Um monstro

Um irmão gêmeo dos que prepararam e ensaiaram no Porto as bombas de dinamita com gazes asfixiantes, ofereceu, em Lisboa, a um soldado rancheiro de infantaria 16, 1:000 escudos para a simples e ingenua tarefa de envenenar o rancho do referido regimento.

Que diabo! Morreriam centenas de homens? Que tinha isso se não se poderia conseguir a sua adesão ao patriótico movimento?...

O soldado honradamente denunciou a promessa e no momento em que se ultimava o negocio, foi preso o miseravel que até agora não nos consta que tenha sido fuzilado, o que se está demorando em prejuizo da Humanidade e desagravo do país onde se alberga tal monstro.

NECROLOGIA

João Augusto Rosa

Na terça-feira 29 do mez findo, de madrugada, quando a manhã, pouco tempo depois deveria colorir com a sua luz tremulã ainda, a casaria da cidade envolvia na neblina espessa que a noite derrama, exalava o ultimo suspiro com a serenidade dum justo e a resignação dum santo, o devotado cidadão João Augusto da Silva Rosa!

A triste nova, esperada porém desde a primeira hora do seu regresso das casas-mata de S. Julião da Barra, ferri-nos, contudo, em cheio, profunda, desabridamente, deixando-nos imersos na angustia dum dôr que se não descreve, dum magoã que nenhuma palavra pôdem dizer!

Estava doente ha muito. A sua dedicação, tantas vezes provada, pelos seus deveres, levava-o ainda á Repartição, onde os poncos que a epidemia não afastara ainda, bem sabiam sacrificio que representava aquella assiduidade.

De subito uma ordem de captura que nada justificava, como logo se provou, leva o contudo alguns dias para as aguras dum prisão, onde a falta de mais insignificante caridade e a dôr cruenta da situação, o feriram de morte.

Regressou perdido, para acabar os seus amarissimos momentos, unico linitivo para tão profunda desgraza, no seio da familia estremeçada, no lar querido que ele tanto se esforçou para manter, junto da mãe velhinha, que via morrer o unico filho querido, o unico seu amparo, e da esposa, dos filhos, esmagados pela grandeza cruel dum fatalidade sem nome!

João Rosa, tinha 36 anos; coração aberto a todas as ideias generosas e boas, nunca alimentou no seu coração, mesmo contra os seus inimigos, que as torpezas politicas crearam, o mais leve rancor!

O seu ideal seria que todos ao impulso do mesmo sentimento se unissem num esforço a bem da Patria e a bem do Regimen—regimen ao qual ele deu o melhor da sua dedicação e decidida boa vontade.

Por isso no estertor da monarchia, em principios de 1910, sofreu com outros, a perseguição feroz desses bandidos que o deportaram para bem longe, enviando-o para a ilha da Madeira. Voltou com a proclamação da Republica, mas quando a ditadura Pimenta de Castro surgiu, ele foi de novo atirado para Vila Real, donde regressou pelo triunfo da revolução de 14 de Maio. Apesar de afastado de toda a actividade politica desde Setembro do ano findo, quando das violencias feitas á classe a que pertencia por occasião da greve havia então, supozeram-se, agora, capaz de entendimentos com os revolucionarios sendo por isso ordenada a sua prisão.

Era a fatalidade do destino. Honrado, probo, distinto entre os seus colégas, modesto em demasia, coração impulsivo, jogando a propria vida, na defesa da Verdade e da Justiça, ele nunca mediu o perigo quando preciso era restabelecer o Direito, justificar a Razão.

Deixa viuva a sr.ª D. Idalina Correia Rosa, tres filhos de tenra idade, oens enlevos, e ainda a sua velha mãe, inutilizada e doente, como ainda uma tia velhinha tambem, que ele mantinha com o produto unico do seu trabalho, exclusiva riqueza daquela casa, que uma lufada de dôr e desgraza, desmantelou tão inesperada e prematuramente.

Após doloroso e prolongado sofrimento, a Morte levou tambem do seio dos seus, Paulo Gonçalves Moreira, belo caracter e honesto funcionario, morto no vigor da vida, amparo da sua esposa e filhos, que tão cedo os crepes da viver e da orfanidade foram cobrir.

Penalissimos profundamente, tão inesperado desolace que significava um infortunio mais, a juntar a tantos outros que vem ferindo impiedosamente a familia portuguesa.

Faleceu tambem na semana passada o sr. João Pinheiro Palpista, pai do sr. José Pinheiro Palpista, banquisto cidadão nesta cidade.

Tambem faleceu ontem de madrugada, após poucos dias de doença, que se apresentou contudo sem gravidade no seu inicio, o padre Egas Hermenegildo da Silva, de 38 anos.

Penalisa-nos devéras o seu passamento, pois o findo era o amparo de seus velhos e inutilizados paes e ainda dumã tia de avanzada idade, familia que ele em exclusivo mantinha com os proventos do seu mistér.

Após um longo periodo de sofrimento, succumbiu a sr.ª D. Maria Julia de Melo Freitas, solteira, de 77 anos de idade. Possuidora de elevados dotes de coração, a sua morte foi muito sentida nomeadamente por aqueles a quem a sua caridade muitas vezes mitigou misérias.

Era irmã da sr.ª D. Georgina de Melo e do sr. dr. Joaquim de Melo Freitas, secretario geral do distrito.

Vitima por antigos padecimentos que a gripe gravemente affectou, faleceu a sr.ª Josefa Henriques de Oliveira, estremeçada mãe do sr. Maximo Henriques de Oliveira, mestre de obras da Câmara Municipal desta cidade.

Tambem faleceu em Sarrazola, com 70 anos, o sr. José Rodrigues Pardiniã, muito conhecido e conceituado por todos, pelas rigidas qualidades de caracter que possuia.

A todas as familias enlutadas, a sentidissima expressão do nosso sentimento.

Leilão

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de penhores desta cidade, de João Mendes da Costa, na travessa do Passeio, 10, para reformarem os seus contratos com três mezes em divida, afim de evitar a venda no leilão que se efectuará no dia 15 do proximo mez de Dezembro.

Aveiro, 4 de Novembro de 1918.

O mutuante,

João Mendes da Costa

Chicoria verde

Fortunato Mateus de Lima, rua Direita 19—Aveiro, recebe propostas para o fornecimento de chicoria verde posta em Aveiro ou em Eixo, com preço garantido por 20 dias.

Só se aceitam propostas para toda a quantidade que tiver cada cultivador.

LEILÃO DE SALVADOS

Traineira “Julio Vieira 8.º”

No proximo domingo, 10 do corrente, pelas 14 horas e na restinga da barra de Aveiro, proceder-se-á á venda em leilão do visto e não visto do casco e pertencentes desta traineira, ali naufragada, tal como se encontra. Tem guincho, caldeira e maquina da força maxima de 50 cavalos. Construção recente.

VENDA DE PROPRIIDADE

VENDE-SE sonda esteve estabelecida a fabrica do gaz de Aveiro.

Falar com Francisco Reynal, antigo director da mesma e ali residente.

Semente de chicoria Magdeburg

VENDE Francisco Reynal, em grandes e pequenas quantidades.

Pinhal

VENDE-SE todos os pinheiros dum pinhal sito no limite de Esguiz, a 4 kilometros da estação do Caminho de Ferro e a 1 1/2 kilometro da ria d'Aveiro. Quem pretender comprar dirija-se para os esclarecimentos a José Simões de Miranda, de Sarrazola.

Pachincha

VENDE-SE duas portas de vidraça, montra e outros artefactos, assim como um portal completo de granito, com a respectiva parte. Nesta redacção se diz.